

## Editorial

Chegamos ao número 8 de GEOgraphia. Quatro anos de um trabalho constante e regular. A diversidade de assuntos desses 8 números, expressando a diversidade de temas e campos de interesse da equipe docente e discente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Geografia da UFF, talvez seja a marca com que assim vai se consolidando a nossa revista. O tema socioambiental atravessa os textos deste número, combinando sob uma forma instigante as pautas do olhar múltiplo e crítico do geógrafo sobre a sociedade do presente.

Os convidados estrangeiros são os professores Héctor F. Rucinke, colombiano, e Wellington Jiménez, equatoriano, que analisam em seu texto a geografia humboldtiana e comemoram o bicentenário da viagem de estudos de Humboldt às Américas que irão resultar na elaboração do *Cosmos*, sua obra de referência. O texto de Carlos Walter Porto Gonçalves conduz-nos à reflexão sobre as novas formas de domínio dos territórios emanadas da revolução biotecnológica que designa por latifúndio genético. O texto de Flavio Gomes de Almeida junto a um grupo de pesquisadores do tema da água remete o leitor à reflexão sobre a importância estratégica desse recurso na entrada do novo milênio. O texto de Luiz Renato Vallejo investiga por sua vez o tema não menos importante das formas mais adequadas de preservação ambiental, analisando os Parques Estaduais como unidades de conservação. O texto de Antonio Veloso trata da vertente como categoria teórica essencial do tema e da investigação geomorfológica. Por fim, o texto de Gilmar Mascarenhas de Jesus inova no campo da geografia, introduzindo o tema do futebol em seus entrelaçamentos com os processos de estruturação e controle espacial das relações sociais na era do mundo industrial.

Abrindo uma nova seção com que alternaremos. os clássicos internacionais da geografia com os clássicos da geografia brasileira, GEOgraphia oferece ao leitor um texto de Josué de Castro no qual o problema da fome se entrecruza com os temas da guerra e da devastação do meio ambiente, que têm origem e são mais graves justamente nos países vítimas do que chama de “economia da dominação” que hoje imperialmente por via da globalização se eterniza.